

Jornalismo Impresso no interior do RS: Um Recorte a partir da História do Jornal O Alto Uruguai¹

Alice BUZANELO²

Laísa VERONEZE BISOL³

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS.

RESUMO

A História e o Jornalismo se complementam e é através da análise de discurso que, neste trabalho, abrange a história do jornalismo impresso no interior do estado do Rio Grande do Sul, através do jornal O Alto Uruguai, de Frederico Westphalen. O jornalismo interiorano não tem vasta bibliografia, o que faz com que esta pesquisa contribua para agregar informações sobre parte desta história que ainda não foi contada. Este trabalho é o piloto do Trabalho de Conclusão de Curso em andamento, da mesma autoria. Neste artigo, traremos a análise de uma edição do jornal, como forma de conhecer o objeto estudado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; história; interiorano; O Alto Uruguai.

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo Impresso é a arte de contar histórias através da escrita. Sua História é o que muitos autores tentam retratar em artigos e livros. Desde a prensa de Gutenberg até os dias atuais do jornalismo, no geral, tudo se encontra nos livros. Nesse sentido, o Jornalismo e a História são áreas de conhecimento que andam juntas. Para entender o Jornalismo, sua História não pode ser deixada de lado. No caso da História, são nas folhas dos jornais que muitos historiadores buscam informações sobre o passado. Mesclando as duas áreas, esse estudo traz a história do jornalismo impresso no interior do estado do Rio Grande do Sul, através do jornal *O Alto Uruguai*.

De forma geral, o jornalismo impresso difundiu a ideia de reter as notícias em mãos. Sendo um bem cultural que é consumido pela massa, sua história começa com a criação da prensa de Gutenberg, em meados de 1450. A partir de lá, muitos elementos mudaram e muitas pesquisas aconteceram para chegar ao jornalismo que conhecemos hoje.

Rudiger (2003) divide o jornalismo no Rio Grande do Sul em três grandes processos de transição, até chegar à sua fase atual: o jornalismo político-partidário, no qual a sobrevivência de um jornal dependia de qual partido ele apoiava; o jornalismo

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo – Bacharelado da UFSM/FW, e-mail: alicinhabuza@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação da UFSM/FW, e-mail: laisabisol1@gmail.com

literário independente, em que as discussões literárias de temas da atualidade se misturavam com as notícias; e o informativo moderno, que em linhas gerais, é o que conhecemos hoje, mas que trouxe crise à imprensa do interior, por não conseguir competir com os jornais da capital (RUDIGER, 2003).

Um ponto importante e pouco estudado é o jornalismo interiorano. Importante por fazer parte da história tanto quanto o jornalismo feito na capital. Pouco estudado por, talvez, não acarretar curiosidade nos pesquisadores. Conforme a pesquisadora Beatriz Dornelles,

A bibliografia especializada em “Jornalismo Interiorano”, até onde pudemos pesquisar, é muito pequena e, muitas vezes, equivocada, pois ainda não credita aos jornais do interior a importância que eles de fato possuem para as suas comunidades, bem como não apresenta estudos aprofundados sobre a forma de produção dessas publicações. (DORNELLES, 2012, p. 22).

Entendemos que esse estudo faz parte do reduzido acervo relacionado à história do jornalismo impresso no interior do estado. Diante disso, buscamos compreender, de maneira geral, como o jornalismo de proximidade, desenvolvido neste espaço interiorano pelo jornal *O Alto Uruguai*, contribuiu para a construção jornalística na região. Devido a isso, a problemática deste trabalho fundamenta-se em interpretar a história do jornalismo impresso no interior do estado do Rio Grande do Sul, através da contribuição do jornal *O Alto Uruguai* (doravante, AU), como um dos pioneiros, ainda em circulação.

Com o intuito de encontrar respostas para o problema desta pesquisa, procuramos compreender os conceitos de jornalismo impresso e de proximidade para entender a importância do jornalismo de interior, contextualizando com a história da mídia no geral. Diante do pouco acervo sobre jornalismo de interior, essa pesquisa se faz importante por mostrar partes da história que não foram contadas, já como os livros relatam principalmente sobre os jornais da capital e dos grandes centros. E resgatar a história de um jornal cinquentenário, que fez/faz parte não só de seu município de origem, mas da região do Médio e Alto Uruguai.

Para o desdobramento do presente trabalho, foram desenvolvidas pesquisas bibliográficas, buscando em autores como Francisco Rudiger, Nelson Sodré e Beatriz Dornelles caminhos para contar a história e a importância do jornalismo no interior do Rio Grande do Sul. Também foi realizada pesquisa nos acervos do jornal *O Alto*

Uruguai, buscando relatos da história descritos nas páginas do periódico, além de entrevista com a direção do periódico.

Um dos poucos trabalhos com o viés para a região do Médio Alto Uruguai é o artigo intitulado “Memórias do Jornalismo Impresso em Frederico Westphalen” (Joinville: INTERCOM, 2015), de Angelita Cancian, Carina de Oliveira, Andréa Weber e Gonzalo Prudkin. O artigo buscou contar a história da mídia na cidade através da memória de pessoas que trabalharam e contribuíram com a imprensa da época, devido à inexistência de literatura sobre o assunto. Diferente do trabalho citado, a pesquisa que propomos não contou com relatos pessoais. Foi desenvolvida a partir da metodologia da Análise de Discurso nas páginas do jornal AU, como forma de expor as partes da história. Sendo assim, pode ser considerada como um complemento à pesquisa realizada pelos autores acima citados.

De modo geral, esta pesquisa será uma forma de conhecer o objeto estudado para aprimorar as análises, objetivos e resultados do Trabalho de Conclusão de Curso da autora, no curso de Jornalismo – Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen.

2 O PERCURSO DO JORNALISMO IMPRESSO

As diferentes formas de se expressar são manifestadas pelo ser humano desde os homens das cavernas, onde as informações, transformadas em símbolos, eram marcadas nas paredes para contar a história que conhecemos hoje. Contar histórias é uma prática comum, presente na vida das pessoas naturalmente. Com o passar dos tempos, as paredes deram lugar para as folhas de papel, marcadas pela tinta das penas que deram início ao que conhecemos hoje como a escrita. Aos poucos, a escrita deu lugar para as folhas impressas. Assim começa a história da prensa de tipos móveis: a tipografia.

Muito antes da tipografia, o Imperador Júlio César pensou que suas vitórias deveriam ser divulgadas por todo o império romano. Começou então a expor grandes placas de madeiras e papel nos centros das grandes cidades contendo informações, sempre favorecendo o imperador, para atualizar seus súditos. Assim nasceu em 59 a. C., a *Acta Diurna*, considerada um dos primeiros jornais do mundo (SILVA, 2009).

Já na Idade Média, nasce então a prensa. A autoria dessa história, no Ocidente, é dada a Johann Gutenberg de Mainz, que em meados de 1450 criou a prensa mais semelhante ao que conhecemos hoje em dia. Conforme Linardi (2008), Gutenberg com sua invenção facilitou a vida de muitos, mudando a história dos livros. O principal resultado dessa invenção foi a propagação de conhecimento entre todos os povos, ricos e pobres. Suas primeiras impressões foram alguns rascunhos, para testar a máquina. Com o sucesso, Gutenberg fez a impressão de 180 exemplares da tão conhecida Bíblia Sagrada, contendo um alinhamento perfeito graças às formas retas de madeira usadas no molde e a letra imitando uma caligrafia antiga. Desses exemplares, apenas 48 ainda se encontram espalhados por alguns museus do mundo.

Pouca importância é dada às prensas que já existiam há muito tempo, no Oriente, conhecidas como “impressão em bloco”, como apontou Peter Burke:

Usava-se um bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de um texto específico. O procedimento era apropriado para culturas que empregavam milhares de ideogramas, e não um alfabeto de 20 ou 30 letras. Provavelmente por essa razão teve poucas consequências a invenção de tipos móveis no século XI na China. [...] A invenção ocidental pode ter sido estimulada pelas notícias do que havia acontecido no Oriente. (BURKE, 2006, p. 24).

O pesquisador também afirma que as primeiras tipografias foram instaladas em países da Europa, aumentando a produção de folhetins e espalhando notícias por todos os cantos. Com o passar do tempo e o maior interesse da população, as folhas impressas trouxeram rapidez na hora de produzir os materiais, levando agilidade para os folhetins noticiosos que eram produzidos a mão.

Para Costella (1984), os historiadores dividem o cargo de primeiro jornal impresso tipograficamente entre o *Noviny Poradné Celého Mesice Zari Léta 1597* (Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro de 1597), produzido em Praga por Daniel Sedlitchansky, a partir de 1597 e o *Nieuwe Tijdinghen*, criado em Antuérpia por Abraão Verhoeven, em 1605. Porém, a Associação Nacional de Jornais considera o *Relation aller Fürnemmen und gedenckwürdigen Historien*, publicado na Alemanha em 1605 por Johann Carolus o primeiro jornal, impresso em papel, do mundo.

Segundo Sousa (2001) não demorou para os governantes perceberem a importância das tipografias, começando o que conhecemos hoje por censura, em que era preciso licença para possuir uma prensa. Tirando toda a imparcialidade das notícias, as pessoas que conseguiam essas licenças eram de total confiança dos governantes. Assim,

a maioria dos jornais da época pertencia ao governo, e os contrários, a oposição, eram perseguidos até que seus jornais falissem ou fossem destruídos.

Aos poucos, a prensa foi se espalhando pelos países desenvolvidos e os jornais começaram a tomar uma proporção cada vez maior entre as pessoas, divulgando aquilo que era interesse do governo ou burguesia. De acordo com Sodré (2011) diferente dos países desenvolvidos, a imprensa oficial chegou tardiamente ao Brasil. Primeiro porque Portugal criou a Carta Régia, em 1706, para “sequestrar as letras impressas e notificar os donos e os oficiais de tipografia que não imprimissem nem consentissem que se imprimissem livros ou papéis avulsos”, se referindo a primeira tipografia do país, instalada em Recife e que fechou após a carta. Outras tipografias tentaram sucesso, mas foram interrompidas, fechando as portas, com suas máquinas destruídas ou incendiadas.

A imprensa chegou oficialmente ao Brasil junto à Família Real, fugida de seu país, trazendo inúmeros objetos em suas embarcações, entre eles, materiais necessários para produzir periódicos. Desta forma, em setembro de 1808, surgiu a Gazeta do Rio de Janeiro, “jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado” (SODRÉ, 2011, p. 42). Assim surgiu a Imprensa Régia.

Ainda conforme Sodré, três meses antes e clandestinamente, começou a circular pelo Brasil Colônia o Correio Brasiliense, fundado por Hipólito da Costa, produzido em Londres. Com um caráter semelhante às revistas de hoje em dia, o jornal de Hipólito possuía 100 páginas ou mais, com edições mensais e apesar da demora em atravessar o Atlântico, continha ideias liberais e críticas à Corte, que produziam o que o Imperador não queria: conhecimento para seu povo.

O retardo para o nascimento da imprensa no Brasil se deve a vários fatores. Citando Moreira de Azevedo, Sodré (2011, p. 39) afirma que “não convinha a Portugal que houvesse civilização no Brasil. Desejando colocar essa colônia atada a seu domínio, não queria arrancá-la das trevas da ignorância”. Com o conhecimento, a população poderia construir um senso crítico capaz de prejudicar a relação entre terra mãe e terra filha.

Na Imprensa Régia, todo material sofria censura, bastava não obedecer as regras do Império. Muitos sofriam censura prévia, onde antes de serem publicados, passavam por pessoas destinadas a cortar tudo que fosse “contra a religião, o governo e

os bons costumes” (SODRÉ, 2011, p. 41). Caso insistissem ou fossem clandestinas, as tipografias sofriam ataques até fecharem suas portas.

Muitos dos jornais da época buscavam suas forças para circular com parcerias políticas. Isso aumentou quando “as forças políticas descobriram o emprego da imprensa na formação de opinião e os políticos ligaram suas carreiras às atividades jornalísticas” (RUDIGER, 2003, p. 18). Acompanhando o contexto político nacional, surgiu o jornalismo político-partidário.

Depois do Rio de Janeiro, a imprensa foi se espalhando pelas províncias do Brasil Colônia. Em 1811, na Bahia, foi lançado o *Idade D’Ouro do Brazil*, abrindo espaço para os periódicos no Nordeste. As publicações foram aumentando a partir dos anos 1820. Em 1827, o *Farol Paulistano* foi lançado na província de São Paulo (SALDANHA, 2011).

Surgiu também em 1827, o *Diário de Porto Alegre*, primeiro jornal sul-rio-grandense. O contexto histórico era de contradições entre a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e a Corte, o papel da imprensa a favor do governo era de grande significado. Com muitos jornais panfletários e radicais circulando, o governo providenciou resposta através dos chamados jornais áulicos (RUDIGER, 2003). O *Diário de Porto Alegre* era um deles.

3 JORNALISMO IMPRESSO NO RIO GRANDE DO SUL

Conforme Francisco Rudiger (2003), na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, os periódicos que surgiram foram seguindo o contexto político. No começo, em meados de 1825, as tipografias locais sofriam muita perseguição política. As perseguições acarretavam em fuga, fazendo com que os tipógrafos mudassem de lugar de tempo em tempo, criando jornais em diferentes lugares “sem orientação política predefinida, ditada apenas pelas circunstâncias do momento e as oportunidades do negócio” (RUDIGER, 2003, p. 27).

O autor também expõe os órgãos oficiais da República Rio-Grandense, que retrataram a Revolução Farroupilha. Destacamos *O Mensageiro*, de 1935; *O Povo*, de 1938; e *O Americano*, como último jornal farroupilha, em 1842. *O Povo*, segundo o autor, foi o periódico oficial mais importante da República Rio-Grandense. De Piratini,

onde foi fundado, transferiu-se para Caçapava do Sul, acompanhando a mudança da capital da República.

Muito conhecidos no Brasil, por volta de 1850 surgiram os primeiros pasquins do estado. Com uma característica mais livre, continha um excesso de linguagem, com finalidade moral e política. Para Rudiger (2003, p. 31) “os pasquineiros tornaram-se célebres pelos ataques morais e pelos abusos de linguagem, que criavam desavenças na comunidade e levantavam a raiva das autoridades”. Muito do que era escrito nesses jornais era uma forma de mostrar o desespero de alguns políticos, usando a literatura pública para tentar atingir seus adversários.

Foi a partir dos pasquins, quando a imprensa foi transformada em agente orgânico da vida partidária, que surgiu o jornalismo político-partidário. Nesse período, políticos se misturavam com jornalistas e muitas vezes faziam o seu papel. Ainda segundo o autor, os partidos tomaram a frente de muitos periódicos e produziram suas folhas, independentes, com total responsabilidade. A partir desse momento, os jornais tomaram como base a opinião e a doutrina dos partidos em suas publicações. Nasceu então A Reforma, órgão do Partido Liberal, em 1869, primeiro periódico político-partidário do estado.

Um jornal de muita importância nesse período foi A Federação, criado em 1884 em Porto Alegre. O jornal nasceu com o ideal de divulgar as ideias do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Segundo Rudiger (2003, p. 43) “a folha teve significativo papel na articulação do movimento republicano da Província, assumindo desde o princípio o cunho de órgão de combate e propaganda”. O autor aponta que o jornal fez um papel muito grande numa época em que a comunicação era difícil, tendo papel significativo no processo de abolição da escravidão. Depois do auge (o jornal chegou a tirar 10 mil exemplares), a folha foi decaindo, junto com o jornalismo político-partidário e teve sua extinção oficial em 1937, com o Estado Novo.

O jornalismo político-partidário começou a perder forças conforme ocorria o desenvolvimento econômico-social no estado. Surgiu aos poucos uma nova forma de fazer jornalismo: o jornalismo literário independente, especializado na difusão de notícias e na discussão de assuntos da atualidade sem compromisso doutrinário. (RUDIGER, 2003).

Com a grande modernidade para a época, o jornalismo literário teve seu apogeu a partir de 1890. O autor aponta alguns fatores que contribuíram para esse

apogeu: a máquina a vapor, agilizando o processo de impressão dos jornais; a busca por capital, com pequenos empresários ingressando no ramo; as vendas avulsas, pelos ambulantes nas ruas; e a distribuição pelo interior do estado, através dos novos serviços ferroviários.

Nas primeiras décadas do século XX, o jornalismo passou por um processo de transição, quando os jornais deixaram de serem pequenos negócios transformando-se em grandes empresas, visando lucros e transformando esses lucros em investimentos dentro da própria empresa (RUDIGER, 2003). Aos poucos, foi surgindo o jornalismo informativo moderno, como conhecemos hoje.

Com um caráter mais imparcial, a nova maneira de produzir jornalismo se faz presente até hoje. Sem embasamento político, ao menos não explícito, os jornais impressos ocupam lugar de destaque nos meios de comunicação. A importância dessas folhas vem não apenas na hora de noticiar, mas também como forma de registros históricos, gravados e guardados nas páginas muitas vezes amareladas com o tempo.

Quando o assunto são os principais jornais da capital, como o Correio do Povo (1895) e o Zero Hora (1964), muito há para se dizer. Porém, o jornalismo desenvolvido no interior do Estado ocupa um lugar de pouco espaço nos registros históricos. Um dos principais motivos é que com a modernização, os jornais da capital conseguem se espalhar rapidamente pelo interior do estado. Por esse motivo, Rudiger (2003) aponta que num período de 25 anos, os jornais porto-alegrenses passaram de 25 para 60% no total da tiragem de jornais do estado.

Após estudar a história da imprensa e entendermos o contexto daquilo que guia este trabalho, abordaremos, nos próximos itens, dois temas de grande relevância para este estudo: o jornalismo interiorano, como base para compreender o processo de construção do jornalismo no interior do estado; e o jornalismo impresso do jornal O Alto Uruguai, como protagonista dessa história na região do Médio Alto Uruguai.

4 O JORNALISMO INTERIORANO

O histórico do jornalismo interiorano, ou jornalismo de proximidade, no Rio Grande do Sul inicia com O Noticiador, criado em 1832 em Rio Grande. Com o passar do tempo, outras cidades do estado deram lugar para essa prática. A Razão, fundado em Santa Maria em 1934, circula até hoje. Um nome importante e que não pode ficar fora é a Gazeta do Alegrete, fundada em 1882, e é o jornal mais antigo em circulação no

estado (RUDIGER, 2003). Até os jornais atuais, as características principais não sofreram grandes mudanças: diário, semanário ou trissemanário, com pouco mais de 20 páginas, contendo notícias de interesse local.

Dornelles (2003, p. 9) citando a Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul (Adjori) apresenta o jornal interiorano como um produto impresso, veiculado a uma empresa ou microempresa jornalística, registrada juridicamente na Junta Comercial do município de origem, tendo por objetivo, além de informar, o “lucro, através da comercialização publicitária, venda de assinaturas e venda avulsa”.

Por possuir um público alvo delimitado pela região de abrangência, o jornal local é pensado para esse público. Nos grandes periódicos, as matérias são mais diversificadas para abranger um público com interesses diferentes. No interior, os jornalistas sabem que as notícias nacionais e internacionais não chamarão tanta atenção como as mais locais. Os leitores gostam de ler as notícias do município, da região, ver o nome de pessoas conhecidas, entender por que determinada rua foi trancada, por que a cidade vizinha está em festa, entre outros fatos noticiosos com cunho de proximidade. As notícias nacionais e internacionais são acompanhadas, na maioria das vezes, pelo noticiário na televisão ou na internet.

Ainda segundo Dornelles (2009) no jornalismo interiorano existem muitas peculiaridades. As notícias são levadas a sério e muitas vezes servem de material para os moradores cobrar as autoridades, como o prefeito. As notas sociais, com aniversários e outras comemorações não passam despercebidas. Os leitores são exigentes e críticos: os jornais devem chegar em suas mãos sem atraso e as notícias devem ser coerentes com o que acontece na cidade.

Muitas vezes os jornais são protagonistas de denúncias. Porém, quando a denúncia é publicada por um jornal de grande circulação, não têm a mesma repercussão na cidade do que quando o jornal local publica. Dornelles apresenta um exemplo muito comum nos jornais do interior: uma reportagem do jornal *Zero Hora* denuncia a existência de produtores clandestinos de uísque no estado. Após o Ministério da Agricultura fiscalizar e divulgar os nomes dos envolvidos, um jornal local, de cidade pequena, passou a cobrir o fato, foi então que um dos empresários citados, ao ver seu nome publicado no pequeno jornal, foi tirar satisfação na redação, dizendo “concordo que o jornal *Zero Hora* divulgue o fato, mas não admito que o jornal da minha cidade,

do qual eu sou sócio, publique meu nome como um bandido”. (DORNELLES, 2003, p.13-14).

Uma dúvida sempre aparece: com a inserção dos meios digitais na vida das pessoas, o jornalismo impresso estaria próximo do seu fim? Baseado nesse estudo, podemos afirmar que o jornalismo interiorano não. Talvez aos poucos nos grandes centros isso aconteça. Mas apesar da facilidade das notícias nos smartphones e computadores, os leitores ainda possuem uma confiança muito maior nas folhas impressas, certamente pela credibilidade que elas possuem.

Uma vez que conhecemos a história do jornalismo impresso em nível mundial, nacional, sul-rio-grandense e, muito mais brevemente, no interior do Estado, sendo poucas as pesquisas relacionadas a esta parcela da história do jornalismo, a fim de desvendarmos e entendermos um pouco mais a respeito da construção desta história na região de Frederico Westphalen, e assim, também contribuir para o resgate e difusão destas memórias, estudaremos um jornal referência neste espaço interiorano: o jornal *O Alto Uruguai*.

5 PROCESSO METODOLÓGICO

Produzir um jornal não se faz da noite para o dia. Todo periódico possui uma história e no caso do jornal *O Alto Uruguai*, não poderia ser diferente. Desde seu antecessor, o *Cine Fatos*, seus primeiros diretores, Luis Fernandes, Vitalino Cerutti e Arlindo Rubert, até a equipe que conta hoje com mais de trinta funcionários, muitas mudanças ocorreram e inúmeras manchetes cruzaram as páginas do periódico. Um breve relato de sua história já foi exposto anteriormente neste trabalho. Porém, é de grande importância salientar que no seu cinquentenário, o AU abrange boa parte da região do Médio Alto Uruguai, sendo bissemanal e publicando os mais variados assuntos.

Após compreender os conceitos e a história do jornalismo impresso e de proximidade, é o momento de analisar as edições do jornal AU a fim de interpretar sua história. De todo modo, esta pesquisa não pretende apenas retomar o histórico do AU enquanto acontecimento, mas, de modo especial, através do que foi publicado ao longo destes anos, para compreender em maior medida como se dá a história do jornalismo impresso em Frederico Westphalen e região.

Cinquenta anos é um longo tempo para ser analisado. No presente artigo, realizamos uma primeira e breve análise de uma edição do Jornal AU. Isto porque, este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, ainda em desenvolvimento, e que visa analisar dez edições do periódico, sendo duas edições de cada década. Assim, este artigo apresentará somente resultados parciais, que serão ampliados ao fim de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Com o objetivo de compreender o jornalismo impresso interiorano e sua história, a bibliografia deste trabalho é concentrada em autores como Nelson Sodré, apresentando a história da imprensa no Brasil, Francisco Rudiger, com o jornalismo no Rio Grande do Sul e Beatriz Dornelles, apresentando o jornalismo interiorano. Os conceitos de outros autores também foram e serão apresentados, para embasar esta pesquisa.

Através do registro histórico do jornal, em sua grande parte digitalizado, faremos a busca pelos exemplares selecionados e analisaremos o que acontecia na época e o que era veiculado pelo jornal e, a partir do modo como se publicavam as informações, poderemos compreender como se deu a constituição do jornalismo regional, a partir deste periódico. Observaremos, ainda, a importância desses assuntos para a comunidade local e regional e como era a abrangência da região nas páginas do jornal. Essas constatações serão possíveis através da Análise de Discurso, seguindo, especialmente, as premissas de Eni Orlandi (2001 e 2006).

Desta maneira, a análise feita neste trabalho será baseada em 6 itens: manchetes, editorias, editorial, fotos, anúncios e colunas de opinião. Entretanto, neste recorte da pesquisa, analisaremos a edição, que foi escolhida de maneira aleatória, através de um estudo descritivo.

6 DISPOSITIVO ANALÍTICO DE INTERPRETAÇÃO

Para a realização deste trabalho e como forma de conhecer o objeto estudado, fizemos uma breve análise de uma edição do jornal *O Alto Uruguai*, de 09 de julho de 1988. A análise interpretativa torna o objeto parte de um contexto histórico, com a finalidade de compreender a fase na qual o mesmo se encontra.

Na edição observada, a manchete é factual, retratando a visita do Secretário da Agricultura em Frederico Westphalen. Os principais destaques dados na edição são para utilidades públicas, como asfalto em determinadas ruas do município e construção de

casas para moradores; visita de pessoa considerada importante, como o superintendente do Banco do Brasil; destaque para outros municípios como “Irai contra ocupação pelos índios”, entre outras.

As editorias são bem divididas, destacando-se a página destinada ao esporte, que traz as principais notícias dos times frederiquenses. Todas as notícias desta editoria trazem um texto bem estruturado, com algo semelhante ao que chamamos de *lead*. A editoria “Ronda Social” faz um apanhado geral dos principais fatos e eventos da cidade. É interessante destacar a parte “Aniversários da Semana”, que, ao trazer os nomes das pessoas, retrata bem um jornal local, onde todos se conhecem.

Muito presente em praticamente todas as páginas do jornal, os anúncios são os mais variados, de mercados e lojas de vestuários até escritórios de advocacia. A única página que não contém anúncios nessa edição é a destinada a Administração Municipal de Frederico Westphalen que, possivelmente, paga pelo espaço. É grande o número de editais entre as notícias. Isso só confirma que os jornais locais precisam e, noutros tempos, já precisavam de anúncios para sobreviver. As colunas de opinião também se encontram ao longo do periódico. Destacamos aqui a coluna “Agostinho Piovesan – Jornalista”, onde o mesmo publica pequenas notícias, de no máximo cinco linhas, abordando os mais variados assuntos. Esta edição não contém fotos nem um editorial específico.

7 RESULTADOS

Essa pesquisa teve como finalidade conhecer o objeto, para então intensificar as análises e compreender o contexto histórico presente no jornal *O Alto Uruguai* e a história por trás desse periódico que se tornou importante para a região do Médio Alto Uruguai.

Através dos conceitos de Jornalismo Interiorano e de Proximidade, entendemos a importância do jornal para o meio em que está inserido e, principalmente, a diferença deste jornalismo para o que é feito nos grandes centros. A maneira como pequenos acontecimentos locais ganham destaque nas matérias do jornal e a relação entre jornalista e leitores salientam a cumplicidade que acontece, “porque os próprios diretores dos jornais e jornalistas participam da distribuição, levando o jornal porta a

porta, conversando todos os dias com os leitores e trocando ideias sobre os mais variados assuntos” (DORNELLES, 2004, p. 3).

Com todas as observações acerca desta análise, concluímos que o objeto estudado tem ampla bagagem histórica, capaz de nos ajudar na busca de traços da história que muitas vezes são deixados de lado. A edição analisada é uma mostra da história do jornalismo impresso na região. Ao dar sequência à esta pesquisa, analisando outras edições do jornal, conseguiremos apreender um histórico mais amplo da evolução do jornalismo impresso do jornal *O Alto Uruguai* e do jornalismo interiorano por ele praticado.

8 BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Disponível em <<http://www.anj.org.br/cronologia-jornais-brasil/>>. Acesso em 20 out. 2016.

BURKE, Peter. A revolução da prensa gráfica em seu contexto. In BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia**: de Guttenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 24-79.

CAMPOS, Theresa Catarina. **O progresso das comunicações diminui a solidão humana?** Uma interpretação histórica das comunicações gráficas e audiovisuais, desde a Pré-História até o Intelsat. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1970.

CANCIAN, Angelita et al. Memórias do Jornalismo Impresso em Frederico Westphalen. Joinville: INTERCOM, 2015. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0727-1.pdf>> Acesso em 25 set. 2016.

CIPRIANO, Luís Carlos. Censura e Imprensa na História do Brasil: 300 anos de desafio da arte tipográfica. III encontro Nacional de pesquisadores em jornalismo, 2005, Florianópolis/SC. Disponível em <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi76dyAiJ3QAhUIpAKHQadBVAQFggkMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.ufrgs.br%2Falcar%2Fencontros-nacionais-1%2Fencontros-nacionais%2F4o-encontro-2006-1%2FCENSURA%2520E%2520IMPRESA%2520NA%2520HISTORIA%2520DO%2520BRASIL%2520300%2520ANOS%2520DE%2520DESAFIO%2520DA%2520ARTE%2520%2520TIPOGRAFICA.doc&usg=AFQjCNHkj5w3ABOHXkLzaNm-5b9J4Wyucw>> Acesso em 20 out. 2016.

COSTELLA, A. **Comunicação - Do Grito ao Satélite**. 3ª edição. São Paulo: Editora Mantiqueira, 1984.

DORNELLES, Beatriz. **Características de jornais e leitores interioranos no final do século 20**. 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/dornelles-beatriz-jornais-interioranos.pdf>>. Acesso em 15 out. 2016.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo do interior atende expectativa dos assinantes**. In MENEZES, Francisco (org.). Organização, o social e o poder: cultura, complexidade e tolerância. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2003. p. 9-32.

DORNELLES, Beatriz. **O futuro dos jornais do interior**. Intratextos, Rio de Janeiro, p. 21-36, 2012.

FERIGOLLO, Wilson A. **Rostos e Rastros no Barril: 1954 - 2004**. Frederico Westphalen: Pluma, 2004.

LINARDI, Fred. **A prensa de Gutenberg**. Guia do Estudante, 2008. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/prensa-gutenberg-435887.shtml>>. Acesso em 20 out. 2016.

O ALTO URUGUAI. Frederico Westphalen, 9 de julho de 1988, p. 1 – 12.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

REVISTA ESPECIAL 50 ANOS, Jornal O Alto Uruguai. Frederico Westphalen, Gráfica UMA, 2016

RUDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 3. ed. Ed. da UFRGS, 2003.

SALDANHA, Olavo. **Os primeiros jornais do Brasil**. Disponível em <<https://olavosalदानha.wordpress.com/os-primeiros-jornas-do-brasil/>>. Acesso em 20 out. 2016.

SILVA, Camila Pérez Gonçalves da. **Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística**. Revista Eletrônica Temática, ano V, n.6. junho de 2009. Disponível em <http://www.insite.pro.br/2009/junho/ancora_telejornalismo_camila.pdf>. Acesso em 25 out. 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck, 1911-1999. **Historia da imprensa no Brasil** / Porto Alegre: INTERCOM E EDIPUCRS, 2011.

SOUSA, Jorge. **Elementos do Jornalismo**. Porto, 2001.